



A MOTIVAÇÃO SOCIAL NO ESTUDO DE MUDANÇAS LINGUÍSTICAS

Alan Tocantins Fernandes (PPGL-UNEMAT)¹
alantfernandes@gmail.com

Cristiane Schmidt (UFPA/PPGL-UNEMAT)²
schmidt@ufpa.br

Mudanças linguísticas são percebidas a partir de dados empíricos (escritos ou falados), ocorrendo por motivos diversos, mas de maneira gradual e em várias dimensões. A exemplo disso temos falantes que preservam (voluntariamente ou não) formas pretéritas e conservadoras de falar, como é o caso de pessoas mais velhas, mas também pessoas mais escolarizadas ou com maior prestígio social. Há também aqueles que, por experimentarem pressões sociais normalizadoras – e.g. atividades socioeconômicas que demandem um processo de mudança linguística – acabam por ceder, às vezes até sem perceber, à estas pressões.

As línguas estão continuamente suscetíveis a pressões evolucionárias, o que não nos surpreende, haja vista que nada permanece estático. Pode-se afirmar que as forças motivadoras para a mudança linguística – seja a curto ou longo prazo – estão associadas ao contexto amplo de uma realidade heterogênea em que os falantes estão inseridos. Apesar da importância do papel desempenhado pelo contexto linguístico e situacional nos estudos da linguagem, só recentemente estes aspectos passaram a ter a devida consideração. A Sociolinguística, bem como outros ramos da Linguística – e.g. Análise do Discurso e estudos sobre a alfabetização – se concentrava, até então, na variação estática e no contato estratificado da linguagem.

Inferências sobre o desenvolvimento diacrônico da língua a partir de análises sincrônicas já começavam a se consolidar ainda nos anos 60, com os estudos

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade do Estado Mato Grosso (UNEMAT).

² Professora Doutora do Curso de Letras/Alemão da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Linguística da UNEMAT.



desenvolvidos por William Labov. Logo mais tarde, nos meados dos anos 70, Hymes (1983, p. 371) sugeriu uma mudança de foco na estrutura para o foco na função – i.e. do foco na forma isolada da linguística para a forma linguística no contexto humano. Se tratava então de uma proposta de algo que buscase examinar a linguagem numa tentativa de entender a sociedade em seus mais variados contextos; a mudança linguística se dá em função da comunidade ou grupos componentes da sociedade, ainda que caiba ao *indivíduo* a decisão de mudar ou não a maneira de falar.

Coan (2007, p. 15) observa que um mesmo falante pode usar ora uma forma, ora outra, sem se dar conta de que a língua está mudando. Para a autora, neste estágio de transição, observado também por Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 108-109), “uma forma alternativa passa a ser utilizada em alguns contextos, até ser primordial em todos e tornar a outra obsoleta”.

Pesquisas sociolinguísticas mais recentes têm buscado traçar um perfil da mudança em progresso e um perfil da variação estável através da combinação de resultados de variáveis como idade, sexo, classe social e nível de escolaridade, mas também a partir da noção de prestígio. Com o aumento do número de variáveis estudadas, revelou-se uma estrutura sociolinguística mais complexa (COAN, 2007, p. 16). Neste cenário, fatores sociológicos, cada vez mais, contribuem para “tentar explicar distribuições e mutações em fenômenos linguísticos que, de um ponto de vista estrutural, teriam sido vistos como aleatórios” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 115-116). Para os autores, estudos empíricos revelam a língua como um sistema que muda em associação com mudanças na estrutura social. Tais fatores sociais se associam aos fatores linguísticos para determinarem possíveis mudanças linguísticas ou darem condições para a mudança ocorrer.

Hymes (2004) nos lembra que o mundo da linguagem não é apenas um mundo de diferenças e variações, mas também um mundo de desigualdade. Algumas dessas desigualdades são temporais ou circunstanciais, enquanto que outras são estruturais e duradouras. Alguns padrões de desigualdade, por exemplo, afetam e articulam formas



de linguagem de forma real e concreta, como sotaques, dialetos, e habilidades estilísticas específicas.

Portanto, em estudos sociolinguísticos atuais, torna-se fundamental desvendar a importância da mudança em termos estruturais e sociais. Para Faraco (2005, p. 61), “não parece adequado tratar a língua como uma realidade autônoma, imune à história de seus falantes”. O autor sugere uma metodologia que integre história interna e história externa – ou como Weinreich, Labov e Herzog (2006) já haviam definido, o *encaixamento estrutural* e o *encaixamento social*. Para Faraco (2005, p. 58), o encaixamento estrutural envolve tanto a descrição de contextos linguísticos que favorecem um determinado tipo de mudança, quanto possíveis reações em cadeia – i.e., uma mudança puxando outra(s); já o encaixamento social se dá quando há relação entre o fenômeno de mudança e a estrutura sociolinguística (grupo socioeconômico, idade, sexo, etnia, localização espacial – cidade vs. campo).

No âmbito do encaixamento social, Faraco (2005, p. 196-196) apresenta algumas generalizações com relevância para a mudança linguística. Para o autor, mudanças são geralmente iniciadas por grupos socioeconômicos intermediários (operários qualificados e/ou de classe média baixa) com certo prestígio local, participantes de redes de comunicação densas no interior das comunidades – mas que também possuem contatos externos. Ele destaca que novos grupos étnicos que entram na comunidade passam a aderir às mudanças em progresso apenas quando adquirem estatuto social – i.e. direitos e privilégios no que diz respeito à moradia, emprego e acesso à estrutura social. Ainda de acordo com Faraco, a difusão das mudanças linguísticas vai dos centros urbanos maiores para os menores, até chegar à zona rural.

Em seus estudos sobre o discurso, Pêcheux (2014, pg. 82) aborda a relação língua/luta de classes, e argumenta que “a língua é indiferente à luta de classes, mas as classes não são indiferentes à língua. Elas a utilizam, de modo determinado, no campo do antagonismo, especialmente de sua luta política”. Essa “indiferença” da língua em relação às lutas de classe caracteriza o que Pêcheux denomina autonomia relativa do sistema linguístico; e o fato de que as classes não sejam “indiferentes” à língua se traduz



pelo fato de que todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes.

Logo, um novo paradigma nos estudos sociolinguísticos encara o desafio de incorporar um entendimento de espaço mais profundo e teórico. A noção de espaço aqui seria vista metaforicamente como um espaço vertical, estratificado. Com o encaixamento social, até mesmo espaços considerados horizontais (e.g. uma vizinhança, uma cidade) seriam também espaços verticais, onde ocorrem todos os tipos de distinções sociais, políticas, econômicas, culturais (BLOOMAERT, 2010, pg. 5). Acrescento aqui as distinções ideológicas.

O movimento de pessoas por um determinado espaço nunca é um movimento livre sobre um espaço vazio. Os espaços são sempre espaços de alguém, e estes são preenchidos de normas, expectativas e concepções sobre o que é considerado como apropriado e normal, o que Bloomaert (2010, p. 37) associa com a denominação de *indexicalidade*³. Para ele, as ideologias da globalização capitalista – e.g. a idealização de um consumidor neoliberal, a promoção da identidade global e o espaço transnacional – reestruturam as ordens de indexicalidade linguísticas no mundo contemporâneo.

De uma perspectiva sociolinguística, essa mobilidade é, portanto, uma trajetória através de espaços monitorados, estratificados e controlados (BLOOMAERT, 2010, p. 21). Pequenas ou grandes diferenças no uso da linguagem servem para posicionar o falante em categorias indexicais, atribuídas à identidade e ao seu papel na sociedade.

As ordens de indexicalidade preconizadas por Bloomaert definem as linhas dominantes para a sensação de “pertencer” a algum lugar, para as identidades e papéis na sociedade. Isso nos remete à *Ordem do Discurso*, de Foucault (1999), em que ele trata das regras gerais para a produção dos discursos, tanto nas emersões positivas quanto nas rejeições e exclusões. Foucault (1999, p. 9) argumenta que esses processos “se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não

³ De acordo com Bloomaert (2010, p 37), *Indexicalidade* refere-se a “registros”, “categorias sociais, emblemas semióticos reconhecíveis para grupos e indivíduos”, enquanto “ordem de indexicalidade” refere-se a como essas categorias, símbolos e recursos semióticos são ordenados em hierarquias de valor em diferentes contextos.



cessa de se modificar”. É nessa grade complexa, estratificada e mutante que operam as indexicalidades destacadas por Bloomaert, as quais não estão livres de regras de acesso e circulação. Logo, os valores atribuídos por alguns a uma forma de indexicalidade, podem não ser concedidos por outros. Ou seja, o português falado por uma pessoa de classe média em Maputo pode não ser considerado uma característica de classe média em Lisboa.

Em outro estudo, *Microfísica do Poder*, Foucault (1979) avalia como o poder se aplica na sociedade e constata que ele está em todo os lugares, onde saberes e discursos servem para legitimar não somente os direitos da soberania, mas também a obrigação de obediência. Por mais que tal abordagem possa parecer corpulenta para tratarmos de estudos sociolinguísticos não devemos nos esquecer que, no mundo contemporâneo e globalizado, a visão de uma hegemonia única definindo padrões sociolinguísticos cedem espaço, cada vez mais, às micro-hegemonias que coexistem com outras em ambientes policêntricos.

Tomo por exemplo algumas dimensões de mobilidade no que tange ao fenômeno fluxos migratórios e de diáspora. A possibilidade de contato frequente com o país de origem por meios eletrônicos tem gerado novas formas de inovação de linguagem ou, ao menos, contribuído para a sua manutenção. Línguas consideradas marginalizadas passam a adquirir novas e inesperadas formas de prestígio, como o que acontece no contexto do turismo no mundo globalizado, por exemplo. Além disso, a cultura popular, cada vez mais acessível, serve como veículo de disseminação mundial de uma linguagem popular particular, mas também de novas formas de letramento.

Para uma análise mais adequada e abrangente dos fenômenos de mudança, torna-se imprescindível apresentar “a história da língua no contexto da história social, política, econômica e cultural da(s) sociedade(s) com a(s) qual(is) ela está relacionada” (FARACO, 2005, p. 59-60). A sociolinguística que se precisa é uma que não se dirija ao objeto tradicional de linguística. Este objeto não pode ser autônomo, mas sim examinado como parte de algo maior, mais dinâmico, mais fundamentalmente cultural, social, político e histórico. Atenção especial deve ser dada à realidade heterogênea e a

complexa rede de correlações no que diz respeito às variedades linguísticas. Destaco aqui a relevância dos fatores geográficos e temporais, mas, particularmente, da estrutura/estratificação social (e estilística), pois é neste âmbito que acontece a valoração (ou a *não* valoração) das variedades.

Para Faraco (2005, p. 184), o “estatuto social dos falantes e as formas linguísticas variantes que ele utiliza são dimensões correlacionáveis de modo sistemático, revelando uma estratificação social das variantes”. Labov nos lembra, no entanto, que o uso do termo *estratificação social*:

[...] não implica qualquer tipo específico de classe ou casta, mas simplesmente que os mecanismos usuais da sociedade produziram diferenças sistemáticas entre as instituições ou pessoas, e que essas formas diferenciadas foram hierarquizadas em *status* e prestígio por acordo geral (LABOV, 2008, p. 64-65).

Logo, pode-se concluir que a força motriz elementar para que ocorra a mudança linguística é a motivação social, que se dá num processo de avaliação constante – reconhecimento e acolhimento, mas também de estigmatização e rejeição – das variantes nas diversas situações de uso, mas principalmente na distribuição destas variantes na estrutura social.

REFERÊNCIAS

- BLOOMAERT, J. The sociolinguistics of globalization. Cambridge University Press. 2010.
- COAN, M. Conjecturas sobre mudança linguística. **Interdisciplinar**. V. 4, nº4 – p. 9-21 – julho/dezembro de 2007.
- FARACO, C. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola. 1996.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organizado e tradução de Roberto Machado – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 10 • Número 29 • Nov 2019

HYMES, D. **Essays in the History of Linguistic Anthropology**. Studies in the history of Language Sciences. John Benjamins Publishing Company Amsterdam/Philadelphia. V.25. 1983.

HYMES, D. **Ethnography, Linguistics, Narrative Inequality**: toward an understanding of voice. United Kingdom: Taylor & Francis e-Library. 2004.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad.: Bagno M., Scherre M.M.P., Cardoso C. R. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.

Recebido Para Publicação em 27 de setembro de 2019.
Aprovado Para Publicação em 30 de novembro de 2019.